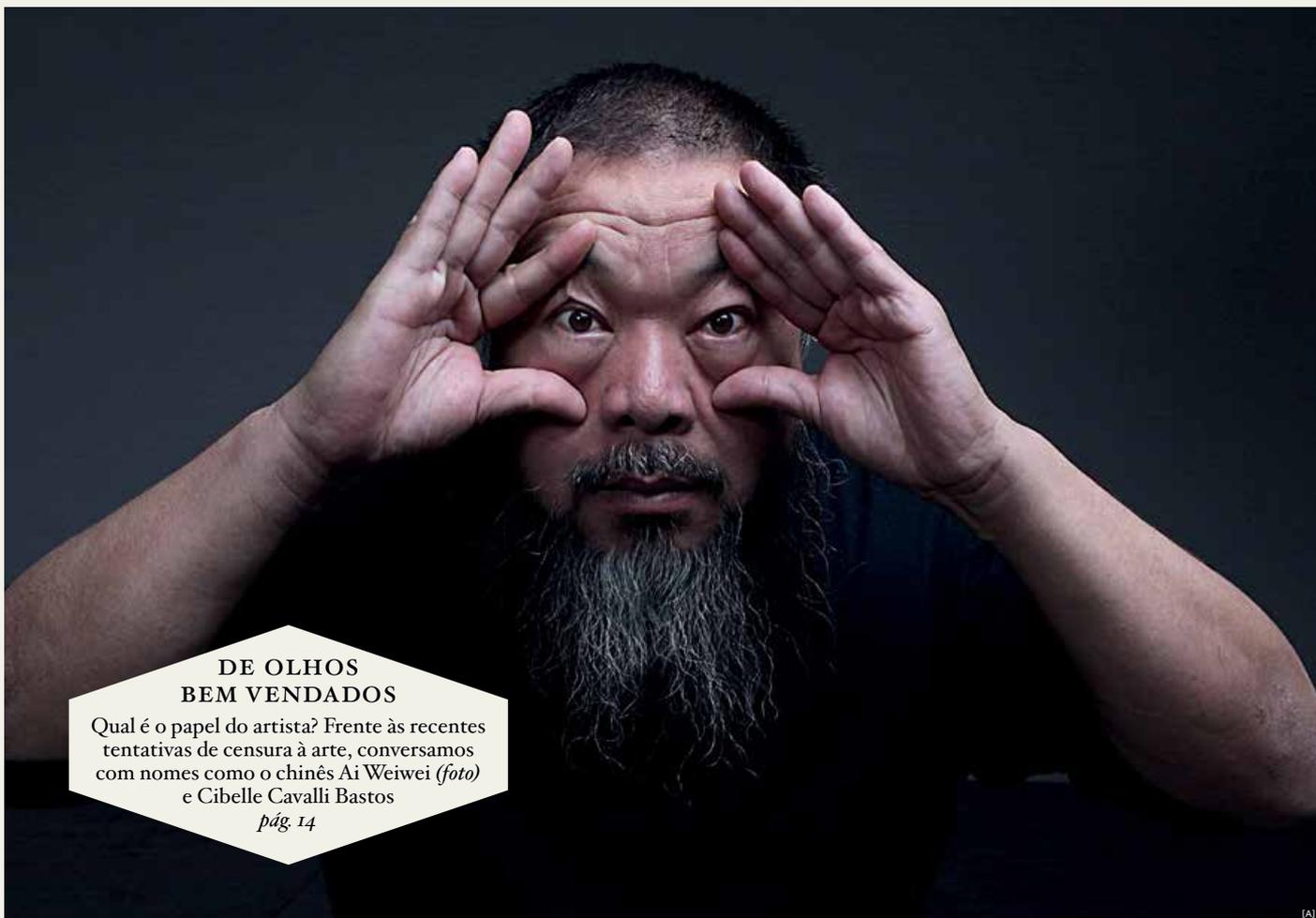


THE BIGGEST SMALLEST CULTURAL PLATFORM

# MECAJournal

Distribuição gratuita

Número #016 — Novembro, 2017



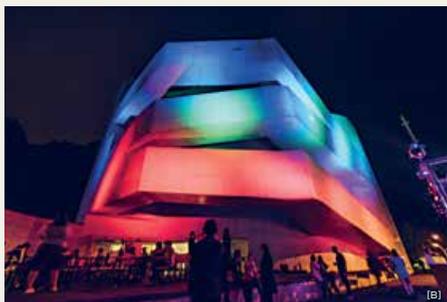
## DE OLHOS BEM VENDADOS

Qual é o papel do artista? Frente às recentes tentativas de censura à arte, conversamos com nomes como o chinês Ai Weiwei (foto) e Cibelle Cavalli Bastos

pág. 14

## PORTO ALEGRE É UMA FESTA

**MECAIBERÊ** — Em outubro, o MECA lançou um trio de festivais que promove a simbiose entre arte, música e arquitetura. Veja como foi a estreia no Sul — *pág. 21*



## SEX AND THE CITY

Um roteiro para explorar a sexualidade com opções que vão de um curso de tantra a uma festa de sexo no centro

pág. 23

Headliner do MECAMis e do MECAUrca, Nomi Ruiz canta os dilemas no palco

pág. 10

## RUN THE WORLD

**COOL PEOPLE** — Rhuan Santos e Clara Soares: nomes por trás da festa Bronx, que se firma como espaço de liberdade e protagonismo negro — *pág. 13*

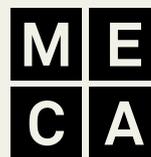


+ AGENDA CULTURAL

+ FAMILY & FRIENDS

+ AROUND THE WORLD

+ PLAYLISTS



# A ARTE SERÁ CASTIGADA?

Diante das tentativas recentes de censura à arte — incluindo apreensão de obras e fechamento precoce de exposições —, batemos um papo com especialistas para entender qual o papel do artista. O veredito não é unânime, mas suscita reflexões e instiga o público a expandir o pensamento entre os objetivos



“Deixem a arte em paz! Obras são pontas de acionamentos que, nos últimos anos para reflexão, não estão ali para alertar, mas para questionar”, explica Cibelle Cavalli Bastos. Uma das artistas selecionadas pela curadoria do *Gaytopia*, exposição de temática LGBTQI+ que esteve em cartaz no Santander Cultural de Porto Alegre, ela se viu citada entre manifestações online contra a mostra em função de uma de suas obras: “Is a Feeling”, quadro em que uma criança tem um arco-íris sobreposto ao rosto.

“Se deram ao trabalho de imprimir a imagem e fazer um vídeo segurando e abrindo, e que aquilo era uma manufatura pedofílica, e que eu tinha que ser punida”, lembra. “Não sei onde o mundo vai parar com esse caso: o quanto de censura e pensamento por trás do julgamento porque o arco-íris dá diversidade não faz respeito somente à sexualidade.”

O episódio faz parte de uma sequência de acontecimentos que, nos últimos meses, catapultou a discussão sobre arte contemporânea às manchetes dos principais jornais e telejornais brasileiros. A polêmica começou em julho, com a denúncia do artista Makson K por realizar uma performance em um frente ao Museu Nacional da República, em Brasília, e seguida a repercussão internacional em setembro com o encerramento precoce da citada exposição *Gaytopia*, após uma onda de protestos nas redes sociais acusando a mostra de blasfêmia e apologia da pedofilia e zoofilia.

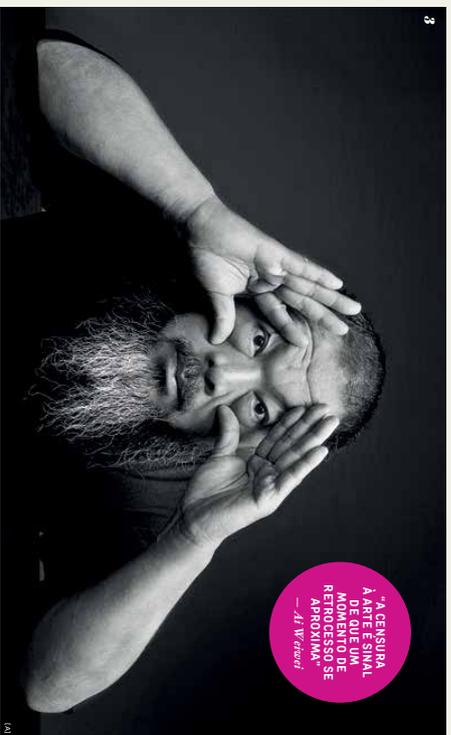
Dias depois, também sob a acusação de incitação ao abuso sexual infantil, quando da artista plástica Alessandra Cunha foi apreendida pela polícia no Campo Grande e o Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM) foi atacado após a viralização de um vídeo que mostra uma criança, acompanhada da mãe, tocando o pé de Wagner Schwartz durante performance em que o coreógrafo deixava copias forams e telefonava por duplo.

Para Cibelle, parte do problema advém do modo como o grande público lida com a arte, acertando que imagens e textos criados por um artista são afirmações apologeticas. “Falta educação com pensamento crítico. Não se cria uma obra de arte nas escolas, não se cria uma questão, apenas a obedecer às leis, obedecer ao Estado.”

Para ela, uma das principais funções sociais da arte e do artista é desnaturalizar o que se consola como o certo, o que abre portas, se tira do lugar, empoeira a normalidade, faz pensar, filosofar.



FOTOS: DIVULGAÇÃO; (A) DIVULGAÇÃO; GAO YUAN; (B) REPRODUÇÃO



“A CENSURA À ARTE É SIMILAR A UM MOMENTO DE RETROCESSO SE APROXIMAM” — Al Waxler

“O meu papel como artista é também o de promover a expansão de pensamento, a libertação interior de condicionamentos sociais, para que se possa, de fato, expandir o amor a empatia, para que a gente possa se relacionar na terra pacificamente, com companheirismo e respeito e portados e pelo nosso crescimento espiritual individual e coletivo.”

Segundo o pesquisador e crítico de arte Ronaldo Eniter, a arte é, sem dúvida, um espaço de crítica e contestação. No entanto, de contemporânea que essa é uma de suas particularidades e não mais sua delimitação, já que, diferentemente das vanguardas do século 20, que tinham como motor o desejo de ruptura, um artista não precisa mais eleger um oponente para justificar suas escolhas. “A performance realizada no MAM, por exemplo, não quer transgredir nada. O corpo do artista apenas afirma e potencializa uma abertura da forma que já estava proposta por outra obra, um hitcho de Jigjag Clark”, explica o coordenador de pós-graduação da Faculdade de Comunicação da FAAP. “Para aqueles que visam estritamente o trabalho, seria preciso estar muito predisposto e desajeitado para encontrar nele qualquer representatividade.”

O especialista identifica um certo anacronismo nas discussões recentes sobre a criação artística. A seu ver, a representação do sexo na pintura pode ser visto dos transgressores em algum momento do século 16 e o nu no museu pode ter sido liberado em meados do século 20, mas, hoje, não deveria mais servir como ponto de choque. “Isso suporia agenda transgressora tem sido paratada por pessoas que estão muito distantes da arte”, afirma. “Não se percebeu, por exemplo, que a obra retirada de uma exposição no Museu de Arte Contemporânea de Campo Grande era, na verdade, uma manifestação contra a pedofilia. Não se trata de conservadorismo, mas de retrocesso. E cá estamos nós, nesse exato momento, com dificuldades de olhar para a arte.”

No fim de outubro, o MASP inaugurou *Histórias da Sexualidade*, cuja curadoria selecionou 300 obras de 190 artistas que vão de Rembrandt, pintor francês do século 17, à artista contemporânea brasileira Adriana Varejão, incluindo também nomes como Cibelle Bastos, ouvida pela reportagem. Por seu conteúdo, que, além de nudez, inclui violência e sexo explícito, a mostra foi proibida para menores de 18 anos, mesmo acompanhados dos pais.

Apesar da controvérsia de *Thing*, a mostra não foi pensada como resposta aos episódios recentes e já constava da programação do museu desde o ano passado. Isso não quer dizer, no entanto, que eles não tenham sido levados em conta. Segundo Lucas Pessoa, diretor de operações da instituição, foram tomadas diversas medidas preventivas, que incluem o reforço do time de segurança, bem como treinamento específico para a equipe de orientadores de público. “O MASP respeita as opiniões e eventos, a qual convívio há tempos.”



- 1 e 4 — Chacile Cavalli Bastos em obra “Is a Feeling”
- 2 — “Pedofilia”, de Alessandra Cunha
- 3 — O artista chinês Al Waxler
- 5 e 6 — Algumas obras da mostra “Histórias da Sexualidade”, em cartaz no MASP (Suzanne Valadon e Nicolas Poussin)
- 7 — O coreógrafo Wagner Schwartz
- 8 — O performer Makson K

## Quatro artistas que chocaram o mundo

Nudez e sexo não são novidade na arte. Assim como o estabulho

**Rembrandt**  
Em 1666, o pintor holandês desenhou um monge em pleno ato sexual em “The Monk in the Cornfield”.

**Katsushika Hokusai**  
Em “The Adams Plant”, de 1815, o japonês fez um retrato explícito de penetração.

**Robert Rindorp**  
Em “Self-Portrait with a Whip”, de 1978, o neerlandês anafiava com um chicote elétrico no reto.

**Jeff Koons**  
Em 1991, o americano fez uma escultura de uma vida sexual com a atriz pornô La Cicciolina.

